

Setor de serviços já responde por 55% do PIB

Alexandre Calais e
Jorge Ferreira
de São Paulo

Atividades terciárias da economia empregam 60% da mão-de-obra urbana e as oportunidades não param de crescer

O setor de serviços foi, nos últimos anos, o principal responsável por não ter acontecido uma piora ainda maior dos índices de desemprego no País. Setores como informática, telecomunicações e turismo, principalmente, foram o esteio da extinção de empregos na indústria, motivada pela revolução tecnológica. E, fato raro, chegam a sobrar vagas em alguns desses segmentos.

A Brás e Figueiredo Informática, maior empresa de treinamento em plataforma Windows da América Latina (certificadora credenciada pela Microsoft desde 1992), é um exemplo disso: tem atualmente cem vagas em aberto. Para preenchê-las, criou o projeto "Perfil 2000", que garante emprego aos "estudantes" que cursarem, e forem aprovados, em um dos dois programas de cursos oferecidos.

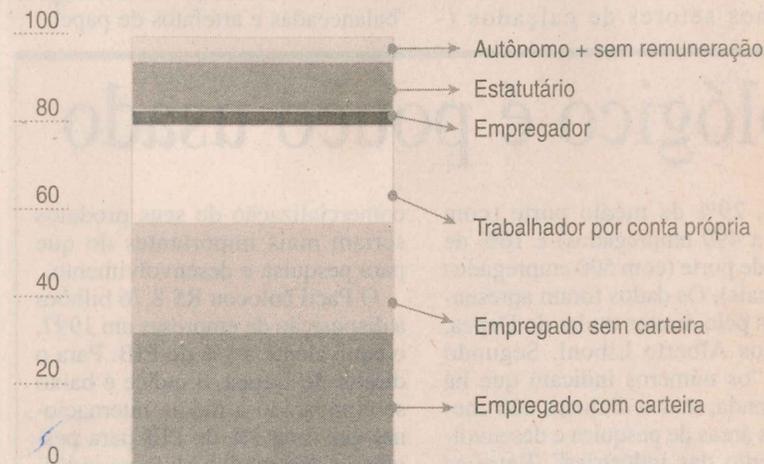
Segundo Eurico Brás, sócio da empresa, a Microsoft estima que o Brasil carece de 8 mil profissionais especializados em plataforma Windows. "Infelizmente, as universidades e os cursos técnicos não formam os profissionais que o mercado precisa", afirma. Com 50 pessoas em treinamento no projeto "Perfil 2000", o executivo espera contratar 400 pessoas em dois anos. E com carteira assinada, fato de certa forma incomum nos serviços. A empresa tem 150 funcionários e faturou R\$ 12 milhões no ano passado.

O turismo também deve garantir o emprego de muita gente nos próximos anos. A rede de hotéis Accor Brasil, por exemplo, vai oferecer cerca de 4 mil novos empregos diretos até 2002. Computados também os indiretos, esse número pode chegar a 45 mil. A empresa vai construir, em parceria com a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ), 43 novos hotéis, ou 5,5 mil apartamentos, dobrando sua capacidade atual.

O setor de serviços responde atualmente por mais de 55% do Produto Interno Bruto (PIB) do País e emprega aproximadamente 60% da mão-de-obra urbana. Em 1985, os serviços correspondiam a 40% do

Mão-de-obra nos serviços

(Participação dos ocupados no setor de serviços, segundo posição na ocupação - 1995, em %)



Fonte: PNAD/IBGE.

PIB. O crescimento foi grande, acompanhado da queda da participação da indústria no PIB — no mesmo período, caiu de quase 50% para 34%. A agricultura manteve sua participação em cerca de 12%. Segundo a economista Hildete Pereira de Mello, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e coordenadora da pesquisa "Os Serviços no Brasil", esses números são o retrato da reestruturação produtiva por que passou e vem passando a indústria brasileira e apontam para onde segue a economia do País.

Os números da pesquisa indicam que, no entanto, se os serviços serviram como o esteio da extinção de empregos em outros setores da economia, isso não quer dizer que os novos empregos criados tenham sido substitutos à altura. "A proporção de mão-de-obra contratada com carteira de trabalho é

extremamente reduzida: cerca de 25%", diz Hildete. O percentual só é superior aos da agropecuária e da construção civil. Os salários também não são os melhores. Cerca de 50% do pessoal do setor recebe menos de quatro salários mínimos.

Este ano, os serviços chegaram a dar mostras de esgotamento enquanto absorvedor de mão-de-obra. A pesquisa de emprego e desemprego feita pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio Econômicos (Dieese) e pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

(Seade) na Grande São Paulo mostra que, a partir de fevereiro, o número de empregos no setor estagnou. Mas, para o economista Raimundo Leal, coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) da Fundação João Pinheiro, de Belo Horizonte, o setor — como toda a

economia — está apenas sofrendo influência da situação conjuntural. A longo prazo, "e os indicadores econômicos mostram isso", o desempenho tem sido positivo.

O presidente da Federação de Serviços do Estado de São Paulo (Fesesp), Luigi Nese, acredita que o setor vai crescer a níveis altos nos próximos anos. "Nos Estados Unidos, os serviços respondem por cerca de 75% do PIB, e o setor ainda está em crescimento. No Brasil, acho que poderemos atingir esse patamar. Mas é necessário muito investimento", diz Nese. Segundo ele, o fato de a mão-de-obra informal ainda ser uma presença muito forte no setor é consequência direta dos encargos trabalhistas do País. "Por isso, muitas empresas optam pela contratação de autônomos. Além disso, surgem alternativas para fugir dos encargos, como a formação de cooperativas."

A série histórica da PED na Grande Belo Horizonte só foi iniciada em

1995. Assim, Leal, da Fundação João Pinheiro, destaca que o crescimento do setor terciário tem sido significativo a partir do segundo semestre de 1996, época de grande expansão na produção de bens de consumo duráveis. "O setor de serviços acompanha esse movimento", afirma. Depois de uma relativa estabilidade nos índices de crescimento durante o segundo semestre de 1997, reduziu a expansão após o pacote de outubro e até os primeiros meses deste ano. "Mas nossa expectativa é de retomada do crescimento a partir de maio, principalmente no setor automobilístico e de autopeças, que puxam as demais atividades, entre elas os serviços", acredita Leal. O último dado disponível refere-se a abril passado.

O economista lembra que o setor terciário da economia abrange um número muito grande e heterogêneo de atividades, o que dificulta o estabelecimento de um comportamento padrão para todo o setor. "A contratação pela administração pública ou pelas empresas prestadoras de

serviços públicos já não tem o mesmo dinamismo de antes, depois das privatizações. Já os serviços de consultoria, jurídica de marketing, entre outros, estão em franca expansão. Na área de educação e saúde, o desempenho está vinculado à massa de rendimentos da população."

Para Nese, da Fesesp, o campo para a ampliação dos serviços é praticamente ilimitado. Segmentos como o turismo, por exemplo, estão praticamente engatinhando no País. Segundo o diretor de Marketing da rede Accor, Paulo Salvador, um bom exercício para se chegar a essa conclusão é comparar a rede hoteleira do Brasil com a de outros países. Chega a ser risível. A rede brasileira, com cerca de 120 mil apartamentos, é equivalente à de apenas uma cidade norte-americana, Orlando.

Consultoria de informática credenciada pela Microsoft pretende contratar mais 400 analistas em 2 anos

"O País já vive um aquecimento do turismo interno por conta da estabilização da economia. Com a queda dos preços das passagens aéreas, a tendência

é crescer ainda mais."

Mas, para ele, não apenas o crescimento do turismo de lazer motiva o investimento em novos hotéis. "O crescimento da economia, com novos negócios sendo fechados a todo momento em todo o País, também impulsionou um tipo específico de turismo, o de negócios", diz. Os novos empreendimentos do grupo são voltados basicamente para esta categoria de turismo. Segundo Manuela Gorni, da Horwath Consultoria, o crescimento do setor hoteleiro é importante para a economia porque é o que mais gera empregos. "Para cada novo apartamento, são criados 8 a 9 novos empregos, entre diretos e indiretos", afirma.

No segmento de informática, a principal tendência continua sendo a terceirização. Pesquisa realizada pela Sucesu-SP (Sociedade dos Usuários de Informática e Telecomunicações - São Paulo) com 60 grandes e médias empresas, entre abril e junho, mostra que 51% delas terceirizaram algum tipo de atividade, principalmente entre as categorias me-

nos especializadas, como digitadores e operadores. "A tendência é de que as corporações reduzam os postos internos de trabalho, valorizem os profissionais que ficam e repassem para terceiros os serviços intensivos na área de sistemas", diz Marlene Vasarini, diretora do grupo de estudos de remuneração e pesquisas da Sucesu-SP.

De acordo com ela, o mais comum nesse mercado é que os ex-funcionários criem suas próprias empresas e passem a prestar serviço ao antigo empregador. "Muitas empresas incentivam seus funcionários a seguir esse caminho, inclusive estipulando um prazo mínimo de contrato e exigindo que ele amplie o leque de clientes", afirma.

Ela lembra que o "bug" do milênio, por exemplo, tem ampliado muito a demanda por profissionais familiarizados com a linguagem Cobol. "É claro que os profissionais de informática também devem estar integrando os indicadores do desemprego, mas certamente são menos afetados por se tratar de mão-de-obra especializada", analisa.